

SANTO ANDRÉ, A VILA PERDIDA NA BORDA DO CAMPO

Victor José Mendes Cardoso¹

Era uma vez...

Um povoado perdido no alto da serra, que nasceu velho e morreu jovem...

Nasci em Santo André, em 1957. Naquele ano, minha cidade completava oficialmente 404 anos. Já adolescente, sentia-me orgulhoso de pertencer a uma cidade quatro vezes centenária, fundada pelo misterioso e grandioso pioneiro João Ramalho no longínquo 1553. A maturidade ensinou-me que a história está longe de ser exata, e a força da tradição inibe e eclipsa a pesquisa séria, fermento de novos saberes e mudanças de paradigmas.

1553 – Fundação oficial da vila de Santo André da Borda do Campo, às margens de um caminho que ligava Santos a Piratininga

1560 – Extinção da vila de Santo André, com transferência da população e da sede para São Paulo de Piratininga

1812– Criação, às margens do caminho do mar, da Freguesia de São Bernardo.

1867 – Início de operações da São Paulo Railway e criação da estação ferroviária de São Bernardo, que dará origem a um núcleo urbano em seu entorno (bairro da estação).

1889 – Elevação da freguesia de São Bernardo a município, cuja instalação oficial ocorre no ano seguinte.

1910 – A estação de São Bernardo passa a ser denominada “Santo André”, criando-se o distrito de Santo André.

1938 – A sede do município de São Bernardo muda para o distrito de Santo André, o que, na prática, significa mudança de nome do município, de São Bernardo para Santo André.

Fonte:http://www.cmsandre.sp.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=20&Itemid=32

Percebi que houve uma Santo André primitiva, de breve existência (cerca de 7 anos), desaparecida em 1560, e uma nova Santo André surgida 350 anos depois. Quando nasci, portanto, minha cidade não teria 404, mas 47 anos; um rejuvenescimento e tanto! Mas, afinal, onde estaria a velha Santo André da Borda do Campo, de João Ramalho? Como, e onde, ela surgiu, e por que desapareceu tão prematuramente?

Um pouco de história

Oficialmente descoberto em 1500, efetivamente o Brasil só entraria na agenda do governo português a partir do reinado de D. João III (1521-1557). Numa iniciativa para

¹ Professor aposentado do departamento de Botânica, Unesp - campus de Rio Claro. E-mail: victor.jmc@terra.com.br

incentivar a ocupação territorial, esse monarca dividiu a nova colônia em unidades territoriais denominadas “capitanias”, outorgadas à iniciativa privada com a condição de que o outorgado (donatário) comprovasse recursos suficientes para bancar a ocupação e exploração de seus territórios. Numa dessas capitanias, localizada ao sul da colônia, o donatário Martim Afonso de Souza instalou oficialmente, em 22 de Janeiro de 1532, a Vila de São Vicente, no litoral paulista. Pouco tempo depois, Martim Afonso subiria a serra guiado por João Ramalho – português radicado já há cerca de 20 anos no Brasil e morador no planalto – estabelecendo outra vila, nove léguas (cerca de 63Km) sertão adentro, às margens de um rio chamado “Piratininga” (Tamandateí ?). Essa vila interiorana teria vida curta, tendo seus moradores se dispersado pela região ou se mudado para a futura vila de São Paulo, instalada em 1554. Segundo Richard Momsen Jr, a vila se chamaria São Pedro de Piratininga, localizando-se nas imediações do atual Jardim da Luz, na capital paulista, mas isso é discutível. Eudes Campos, por exemplo, entende que a primitiva povoação de Piratininga ficaria a duas léguas (cerca de 13 quilômetros) do futuro Colégio dos jesuítas, possivelmente à margem esquerda do rio Tietê.

Com o fracasso do sistema de capitanias, em 29 de março de 1549 chegava à Bahia o primeiro governador geral, Tomé de Souza, e com ele o primeiro grupo de jesuítas, dentre eles Leonardo Nunes. Em 1550, esse jesuíta subiria a serra a partir de São Vicente, com o intuito de dar auxílio espiritual a cristãos derramados pelo planalto. Nunes os teria convencido a se juntarem num lugar e edificarem aí uma capela. Em carta ao rei D. João III, datada de Junho de 1553, Tomé de Souza relata ter fundado uma vila no planalto, a qual resolveu denominar Santo André porque a situara num local onde estava uma ermida consagrada a esse apóstolo. O jesuíta e historiador Serafim Leite especula se não seria essa ermida a mesma ordenada pelo padre Leonardo Nunes, três anos antes. O governador nomeou João Ramalho capitão-mor da vila recém-criada, a qual recebeu o pelourinho municipal em 08 de Abril – segundo frei Gaspar da Madre de Deus – ou 08 de Setembro – de acordo com Azevedo Marques – de 1553. Curiosamente, a vila de Santo André nunca teve padre ou pároco permanente e, com a fundação de São Paulo, em 25 de Janeiro de 1554, jesuítas iam lá periodicamente para celebrar missa e outras atividades religiosas.

Em 1560, o então governador geral Mem de Sá ordenou a transferência da vila de Santo André para São Paulo, atendendo a requerimentos dos padres e apelos “populares”, inclusive de membros da câmara de Santo André. Os motivos alegados para a extinção de Santo André da Borda do Campo foram: dificuldades de deslocamento dos padres de São Paulo a Santo André; dificuldades de abastecimento; questões de defesa e segurança (sujeição a ataques de inimigos). Assim, beneficiada pela excelente localização e pela presença do Colégio dos jesuítas, o povoado de São Paulo – que, nas palavras do Pe. Manuel da Nóbrega, ia se fazendo uma formosa povoação – foi elevado à categoria de Vila, recebendo o pelourinho, símbolo da autoridade municipal. Assim, o cotidiano de Santo André continuou na Vila de São Paulo. Entretanto, parece que a mudança não foi totalmente pacífica, criando-

se um clima de beligerância em torno da recém fundada São Paulo, vítima de uma série de ataques indígenas até a vitória dos “paulistanos” num confronto feroz em 1562, que selaria de vez a hegemonia de São Paulo no planalto de Piratininga. O que restava de Santo André desapareceria nas areias do campo e do tempo, e já em 1571 poucos vestígios havia da extinta vila.

Santo André da Borda do Campo e os velhos caminhos

O local da primitiva vila de Santo André foi objeto de estudo de muitos pesquisadores, mas infelizmente nenhum documento ou fato novo foi acrescentado nos últimos cem anos, pelo menos, prevalecendo releituras e interpretações de documentos ou textos conhecidos. De qualquer modo, a reconstituição dos caminhos primitivos é uma pista para quem deseja formular hipóteses sobre o assento da extinta Vila de Santo André da Borda do Campo.

Os Caminhos do Mar

Quando os colonizadores aportaram pela primeira vez no litoral paulista, encontraram os antigos habitantes, os índios, mas esses não tinham suas aldeias no litoral, e sim no planalto. Geralmente no inverno costumavam descer a serra em busca de temperaturas mais amenas e também em busca de peixe e sal. Esse trânsito se dava através de trilhas ou caminhos que demandavam a costa a partir do planalto.

Um desses caminhos era a “trilha dos tupiniquins”, “caminho de Piassaguera” ou “caminho velho”. Nas palavras do historiador Theodoro Sampaio: *“Saindo de S. Paulo pelo Ipiranga, que se vedeava próximo de sua confluência com o Tamanduatehy, o caminho velho do mar ia atravessar o ribeirão dos Meninos perto de Inhoahiba², e daí margeando o galho maior desse ribeirão, chamado Tamanduatiiba³, passava no lugar onde está a vila de São Bernardo, galgava as cabeceiras do dito Tamanduatiiba, a leste do Ponto Alto⁴ e daí já atravessando o mato, descambava para o rio Jeribatiba⁵; (...) passava esse rio em direção à serra do mar e através do campinho de Gioapé⁶, descia para o litoral pela garganta do Perequê ao esteiro de Ramalho, donde, pelo rio Cubatão, navegando os lagamares chegava a Santos ou a São Vicente”*. Essa opinião era compartilhada por outro historiador, Gentil de Moura, segundo o qual o caminho, após cruzar o rio Grande no sentido litoral, seguiria até a vizinhança da Serra do Poço onde, entrando em zona de mata, atravessava um vale entre essa serra e a do Cubatão, daí alcançando as nascentes do ribeirão Perequê, por onde descia até o porto das Armadias ou Santa Cruz (Figura 1, seta azul; Figura 2, linha amarela contínua).

²Esse lugar estaria na confluência do ribeirão Piraporinha e rio dos Couros.

³Ribeirão dos Couros

⁴Na região do Parque Selecta, São Bernardo do Campo, próximo ao entroncamento da Via Anchieta e Rodoanel Mário Covas.

⁵Rio Grande

⁶Região entre os rios Grande e Pequeno

Outros entendem que o caminho dos tupiniquins começava no porto Piassaguera (Figura 1, seta amarela) e transpunha a serra acompanhando – pelo menos em parte – a margem direita do rio Moji⁷, vencendo desnível de mais ou menos 800 metros num trajeto de aproximadamente 13 quilômetros até Paranapiacaba. Sobre desse trajeto, Gentil de Moura o classificava como fruto de um mal-entendido decorrente da seguinte anotação de frei Gaspar de Madre de Deus⁸: “*entrava-se pelo esteiro⁹ chamado Piraique o qual faz confluência com o rio Cubatão pouco acima da ilha do Teixeira... e hoje chamam-lhe Piassaguera...*”. Tal anotação, segundo Moura, induziria outros autores a acreditarem que “*o Piassaguera é o rio Moji, e que a estrada antiga atingisse o alto da serra pelo mesmo vale por onde hoje sobe a São Paulo Railway¹⁰*”. Acrescenta ainda que, se fosse esse o primitivo traçado, não se justificaria o ato de Mem de Sá transferindo-o para o “vale do rio das Pedras” (ou do Perequê, segundo outros textos), extremamente dificultoso na opinião de cronistas da época.

Na rota pelo vale do Moji, uma vez galgada a serra, existiriam diferentes opções para se atingir as terras de Piratininga a partir da região de Paranapiacaba: a) seguindo aproximadamente o traçado da futura ferrovia São Paulo Railway (Figura 2, linha tracejada branca); b) seguindo ao norte da ferrovia, buscando mais as nascentes do rio Tamanduateí (Figura 2, linha pontilhada branca) ou; c) dirigindo-se a oeste, cruzando o campo Gioapé e buscando os rios Grande ou Pequeno (Figura 2, linhas brancas contínuas).

Outra rota proposta para a trilha dos Tupiniquins subiria o rio Cubatão e alcançaria o planalto em percurso de mais ou menos 32 quilômetros, rota seguida mais tarde pelo ramal de Mairinque da antiga Estrada de Ferro Sorocabana (Figura 2, linha vermelha).

Em suma, o verdadeiro traçado do “caminho velho” ou “trilha dos Tupiniquins” é controverso, sendo que as afirmações a esse respeito estão mais baseadas na tradição do que em evidências arqueológicas e/ou documentais. De qualquer modo, foi pela “trilha dos Tupiniquins” que Martim Afonso de Souza, em 1532, subiu pela primeira vez a serra para visitar os campos de Piratininga, guiado por João Ramalho.

Além da trilha dos Tupiniquins, textos mais recentes também citam outro caminho para se vencer as escarpas da Serra do Mar: o “caminho do Padre José” ou caminho novo. Sobre esse caminho, provavelmente construído entre 1553 e 1554, pairam dúvidas sobre a origem do nome. Sua construção teria sido supervisionada pelo jesuíta José de Anchieta, ou então esse teve seu nome associado ao caminho pelo fato de utilizá-lo regularmente e/ou simplesmente reformá-lo. Acredita-se que a via tenha sido aberta à custa de um rico proprietário chamado João Pires (ou João Peres), provavelmente baseando-se em trilha pré-existente. O caminho subiria pelo vale do rio Perequê a partir do porto fluvial das Armadias (ou

⁷ O rio Moji, antigo Ururaí, nasce próximo ao distrito de Paranapiacaba e deságua no rio Cubatão

⁸ Monge beneditino e historiador brasileiro (1715-1800).

⁹ Braço de mar ou de rio que avança terra adentro

¹⁰ Ferrovia que viraria depois Santos-Jundiaí, trecho atualmente explorado pela MRS.

Armadias), situado pouco mais de um quilômetro acima da confluência com o Cubatão (Figura 1, seta azul; Figura 3, linha amarela contínua). Embora mais curto do que a trilha do rio Moji – vencia o desnível da serra num percurso de mais ou menos 6,5 quilômetros – sua declividade era mais acentuada. Haveria também uma alternativa, subindo-se a serra pelo vale do Rio das Pedras a partir do porto geral do Cubatão (Figura 1, seta vermelha). O caminho novo teria sido percorrido após o Dia de Reis (06 de Janeiro de 1554) por doze jesuítas, para a celebração da missa que marca a fundação de São Paulo de Piratininga, em 25 de Janeiro daquele ano. Assim, o traçado proposto para o “caminho do Padre José” corresponde, no trecho de serra, àquele que Gentil de Moura e Theodoro Sampaio atribuem ao caminho “velho”, sobre o qual esses autores falam da existência de vestígios no início do século XX. Já no planalto, as alternativas seriam: continuar rumo norte na direção de São Paulo (Fig. 2, linha amarela contínua) ou; desviar a oeste na altura dos rios Pequeno ou Grande, acompanhando os respectivos cursos (Fig. 2, linha tracejada amarela). Esse desvio a oeste também poderia ser na altura do Ponto Alto ou da região central da atual São Bernardo do Campo, seguindo em direção à aldeia de Geribatiba¹¹ (Fig. 2, linhas pontilhadas amarelas). Após Geribatiba (Fig. 2, triângulo roxo), o caminho acompanharia o Rio Grande até a altura da aldeia do Ibirapuera ou Santo Amaro (Fig. 2, triângulo verde), de onde seguiria a nordeste (Fig. 2, linha laranja) interceptando o caminho velho já nas proximidades de São Paulo, na região entre o Paraíso e Vila Mariana, ou então continuaria em frente até o tronco do Peabiru¹² na altura da atual ponte Eusébio Matoso, no rio Pinheiros, seguindo então para Piratininga (Fig. 2, linha preta).

Em prol do nosso objetivo, a Figura 3 apresenta um quadro resumido dos supostos traçados dos caminhos “velho” e “novo”. Vale destacar que as rotas nas Figuras 2 e 3 foram traçadas com base em diferentes fontes, devendo ser vistas como aproximações mais ou menos grosseiras das supostas trilhas originais. O caminho velho (trilha dos Tupiniquins) é representado pela linha branca, e o novo pela linha amarela. Lembramos que Gentil de Moura e Theodoro Sampaio consideravam o trecho representado pela linha amarela contínua entre Cubatão e o Rio Pequeno parte do caminho velho, em detrimento da rota por Paranapiacaba.

Conforme documentos, a trilha dos Tupiniquins seria abandonada a partir de 1560 por ordem do governador Mem de Sá, sob a alegação de ataques frequentes de índios, passando então a ser utilizado o “caminho do Padre José” ou caminho novo. Esses ataques estariam relacionados aos tamoios¹³ e franceses da Guanabara. Na Figura 3, o trecho abandonado tanto poderia ser aquele por Paranapiacaba, como aquele entre o Rio Pequeno e São Paulo (linha branca). Do mesmo modo, a rota do caminho novo seria Armadias-rio Pequeno (linha amarela contínua), ou o desvio por Santo Amaro/Pinheiros (linha amarela tracejada).

¹¹ Aldeia do chefe guaianá Caiubi, irmão de Tibiriçá

¹² Trilha, ou conjunto de trilhas, pré-colombiana que punha em contato o litoral paulista e Assunção, daí seguindo rumo ao Peru

¹³ Índios tupinambás que habitavam o litoral norte paulista e litoral fluminense, tradicionalmente aliados dos franceses e inimigos dos portugueses e tupiniquins.

No documento, datado de 22 de Janeiro de 1561, de doação da sesmaria de Geribatiba ao Pe. Luiz de Gram (Figura 4), lemos o seguinte trecho: “...*haja por bem de lhe dar e mandar demarcar as ditas duas léguas, indo pera¹⁴ Piratininga pera o mar pelo caminho novo que ora se abriu, passando o Campo por donde usa ir o caminho da Borda do Campo pera Geraibatiba, as quais duas léguas começarão logo passado o Campo, entrando o mato, caminho do rio que se chama Geraibatiba-ass¹⁵ ...*”. Essa frase, s.m.j., permite supor que o caminho novo seria o desvio por Santo Amaro/Pinheiros, tal como é o entendimento de M.C.T.M. Torres em monografia sobre a história do bairro Ibirapuera, segundo a qual Geribatiba e Ibirapuera (“Santo Amaro” na Figura 4) fariam parte do caminho novo, aberto em 1560.

Se o caminho antigo estava exposto a ataques de índios hostis – em particular os tupinambás, cujo território abrangia o litoral norte do Estado de São Paulo, com incursões pelo vale do Paraíba – nesse caso as rotas pelo vale do Moji estariam mais vulneráveis do que pelo Perequê. Por sua vez, o desvio por Santo Amaro/Pinheiros estaria mais protegido relativamente ao caminho direto entre o Ponto Alto e São Paulo, embora seja difícil imaginar que 12 quilômetros façam diferença em se tratando dos tamoios, acostumados a vencer distâncias muito maiores pelo sertão.

Usuário da trilha dos Tupiniquins, João Ramalho utilizaria a atual vila de Paranapiacaba¹⁶ como posto de observação permanente da orla de São Vicente, visando acompanhar o tráfego de embarcações na baía e no porto, seja para fins de comércio, seja com finalidade defensiva. Assim, constatado o movimento de navios na costa, seria muito mais prático e rápido descer a serra pelo vale do Moji do que pelo Perequê, reforçando a praticabilidade da primeira como via de acesso à costa.

Mas que diferença faz se o caminho antigo, ou trilha dos tupiniquins, seguia pelo vale do Moji ou Perequê, por exemplo? Como parece consenso que a antiga povoação de Santo André se situava às margens do caminho antigo, quem quiser especular sobre a localização da vila perdida deverá se ater ao possível traçado da trilha dos Tupiniquins.

Aonde ficava Santo André?

A primeira dificuldade, portanto, para quem busca possíveis sítios para Santo André da Borda do Campo é determinar o traçado do antigo caminho percorrido por Martim Afonso de Souza em 1532. Como vimos, não há consenso a esse respeito, mesmo porque não se encontram mapas ou relatos de época com detalhes suficientes. Com base nas cartas dos primeiros jesuítas: a) Santo André ficava a nove milhas¹⁷ (cerca de 22 Km) de Piratininga; b)

¹⁴ Segundo Gentil de Moura e Theodoro Sampaio: “...indo de Piratininga para o mar...”

¹⁵ Geribatiba-açú ou Rio Grande

¹⁶ A etimologia do termo “Paranapiacaba” seria: “lugar de onde se avista o mar”.

¹⁷ Outra versão fala de uma distância de três léguas “mais para o mar”, o que equivale a cerca de 20 Km

Piratininga ficava a “10 léguas” (30 milhas¹⁸, em outra versão) do mar e; c) a vila de Santo André estava a três léguas (cerca de 20 Km) do rio de Piratininga (Tamanduateí?).

Os principais trabalhos de pesquisa sobre a localização de Santo André datam da primeira década do século XX, destacando-se os de Theodoro Sampaio, Gentil de Moura e Luiz Piza. Antes, Azevedo Marques e João Mendes também já haviam tratado do assunto, situando a vila de Santo André à margem direita do ribeirão Guapituba, afluente do Tamanduateí, a pouco mais de um quilômetro ao sul da atual estação de Santo André, da CPTM. Frei Gaspar, por sua vez, colocava Santo André na área da fazenda São Bernardo, terras que pertenceram à sesmaria de Amador de Medeiros (Figura 4) e que depois passaram para os monges beneditinos.

Admitindo-se que a vila ficava no “caminho velho” – a linha branca na Figura 3 – Santo André deverá ser colocada em algum ponto entre Paranapiacaba e o rio Pequeno, ou entre esse e São Paulo de Piratininga. Gentil de Moura, Theodoro Sampaio e Luiz Piza – em artigos publicados na Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo, nos anos de 1908 e 1909 – posicionaram a vila perdida entre o rio Pequeno e o atual município de São Bernardo do Campo. Luiz Piza situa-a na estrada do Vergueiro, entre os rios Grande e Pequeno, ao sul do antigo bairro Caveiras, próximo à confluência das rodovias Índio Tibiriçá e Caminho do Mar. Gentil de Moura – baseado em antigos documentos de concessões de sesmarias – coloca Santo André um pouco mais ao norte, próximo ao ponto onde a rodovia Caminho do Mar (estrada velha de Santos) cruza o rio Grande, à margem esquerda desse rio, em região próxima ao atual bairro Estoril (São Bernardo do Campo). Theodoro Sampaio – a partir de dados geográficos e tradição oral – aloca Santo André próximo ao córrego Borda da Mata, proximidades do centro atual de São Bernardo do Campo, altura de Vila Dayse. Essa localização é grosso modo compartilhada por Machado de Oliveira, referindo-se à vila de Santo André: “*Parada de João Ramalho que a teve no sítio conhecido ao depois com o nome de Borda do Campo, e hoje serve de assento à freguesia de São Bernardo*”.

Assim, parece que a maioria dos autores veem indícios de uma Santo André da Borda do Campo no segmento do caminho velho entre o rio Pequeno e São Bernardo do Campo, conforme ilustrado nas Figuras 2 e 3. A rota rio Moji - Paranapiacaba não mereceu atenção, certamente por falta de documentos comprobatórios.

A vila perdida

A história oficial da vila de Santo André começa em 1553. Os motivos que levaram Tomé de Souza a criá-la podem estar relacionados a questões de segurança, ou seja, o povoado funcionaria como sentinela avançada contra eventuais avanços castelhanos a partir do Paraguai, via Peabiru. Daí a necessidade do vilarejo estar localizado às margens desse

¹⁸ A milha, como aplicada no texto, equivale a ±2,4 quilômetros.

caminho. A vila de São Paulo foi fundada um ano depois, mais ao norte e também em posição estratégica, dominando o vale por onde passava o Peabiru. Então, por que São Paulo prosperou, enquanto que Santo André – pioneira do planalto paulista – se extinguiu? A resposta talvez esteja em...João Ramalho! Sim, o pretense fundador de Santo André talvez tenha contribuído decisivamente para, com o perdão do trocadilho, afundar o povoado no esquecimento.

Sabe-se que, bem antes da chegada do donatário Martim Afonso, o litoral de São Vicente já era habitado por europeus que viviam do abastecimento de embarcações em trânsito, do provimento de intérpretes a navegantes que demandavam o rio da Prata e, principalmente, do tráfico de escravos índios apresados no interior. João Ramalho, estabelecido nos campos de Piratininga, onde deveria ser mais fácil capturar escravos, tinha sociedade com um desses europeus, o português Antonio Rodrigues. Isso justificaria a preferência de Ramalho por viver no interior, isolado e protegido pelas escarpas da serra do Mar, totalmente integrado aos indígenas do planalto e tendo como “sogro” Tibiriçá, poderoso chefe guaianá. Assim ele viveu durante vários anos até que, em 1532, sua tranquilidade foi interrompida pela chegada do novo proprietário oficial daquelas terras, Martim Afonso. O encontro desses potentados naquele ano deve ter sido cuidadosamente avaliado pelos interlocutores. Ramalho sabia que não deveria hostilizar abertamente o donatário, pois esse tinha o poder de embaraçar seus negócios na costa. Martim Afonso, por sua vez, sabia do poder e influência de Ramalho junto aos índios do planalto, e que o melhor seria trata-lo com deferência. No planalto, Martim Afonso instalou um povoamento, Piratininga, em local incerto e que teve breve existência, como mencionado anteriormente. Ramalho, por sua vez, não teria interesse algum em fomentar a civilização ou fundar vilas no planalto, mesmo porque seus negócios provavelmente não dependiam disso, pelo contrário, o que poderia explicar o fato desse primeiro povoado nos campos de Piratininga não ter prosperado. Só em 1550 – por empenho do padre Leonardo Nunes – cristãos esparramados pelo planalto concordariam em se juntar no possível local da futura vila de Santo André, criada em 1553. Ramalho teve de aceitar isso, mas nunca deixou de hostilizar os jesuítas e seus trabalhos (principalmente sua posição contrária à captura de índios), tendo sua gente inclusive ameaçado o padre Nunes. Diante dessa situação, prevaleceu a diplomacia e espírito conciliador do Pe. Manuel da Nóbrega, provincial da Companhia de Jesus no Brasil. Teria sido Leonardo Nunes o primeiro a sugerir a criação de um novo povoado em Piratininga, ideia encampada por Nóbrega e outros jesuítas, os quais edificariam o colégio na colina entre os rios Anhangabaú e Tamanduateí, origem da Vila de São Paulo. Ramalho nada pode fazer a respeito disso, provavelmente devido ao seu parentesco com o Pe. Manuel de Paiva, primeiro superior do colégio de São Paulo e, principalmente, porque os jesuítas tinham conquistado a confiança de dois dos principais chefes indígenas locais, Tibiriçá e seu irmão Caiubi. Piquerobi, outro irmão de Tibiriçá,

provavelmente seria mais ligado a Ramalho e sua gente e, portanto, menos sensível aos apelos dos jesuítas.

A animosidade entre Ramalho e os jesuítas teria seu preço. A vila de Santo André nunca abrigaria um pároco, enquanto que São Paulo vivia sob a ameaça de ataques. Certamente com maior influência junto à administração da colônia, os jesuítas finalmente conseguiram que, em 1560, o governador decretasse a mudança de Santo André para São Paulo e, não apenas isso, fechasse o caminho que passava por Santo André, o chamado caminho antigo. O fechamento da trilha dos tupiniquins precipitaria o fim de Santo André e representaria uma derrota política para João Ramalho em seu embate com os jesuítas. Como mencionado anteriormente, a animosidade no planalto só amainaria a partir de 1562, com a derrota de Piquerobi – que teria chefiado a ataque à vila de São Paulo, em Julho daquele ano – e a nomeação de João Ramalho capitão mor de Piratininga.

No possível cenário descrito acima, o real motivo da oclusão da trilha dos Tupiniquins seria o isolamento de Santo André, ou do que restasse dela após a transferência de sua administração para São Paulo. Assim, temos os seguintes pontos: Santo André ficava no caminho velho; o caminho velho foi fechado ao trânsito sob o argumento de que estaria mais exposto ao ataque de índios inimigos e; passou-se a utilizar um caminho “novo”, o qual não passava por Santo André.

As pesquisas mais bem fundamentadas situam Santo André no trecho entre o rio Pequeno e São Bernardo, ou seja, esse seria o caminho velho e o desvio por Pinheiros o caminho novo (conforme Figura 3). Isso faz sentido, se imaginarmos que os viajantes estariam se afastando dos índios de Piquerobi – cuja aldeia devia situar-se na região ocupada hoje pelo bairro de São Miguel Paulista, zona leste de São Paulo – e se aproximando da aldeia de Caiubi, aliado dos jesuítas. Por outro lado, pensando no objetivo de se isolar a vila de Santo André, a meu ver a medida teria mais sentido se estivéssemos falando da rota pelo vale do rio Moji, via Paranapiacaba (linhas brancas, na Figura 2). Aliás, esse é o entendimento de diversos autores mais recentes, como Benedito L. Toledo, segundo o qual a trilha dos tupiniquins – abandonada em 1560 – seria posteriormente reaproveitada pela ferrovia inglesa em seu traçado. Se for esse o caso, não faria sentido posicionar-se Santo André no trecho do caminho do mar entre o rio Pequeno e São Bernardo do Campo.

Enquanto novos fatos não forem acrescentados, o mistério perdurará e a vila de Santo André da Borda do Campo ficará cada vez mais perdida no espaço, já que na memória ela continua lembrada como a origem dos atuais municípios de Santo André e São Bernardo do Campo. Mais um, dentre tantos mitos históricos perpetuados ao sabor dos interesses e arraigados à tradição. Como andreense, prefiro a jovem Santo André nascida ao redor de uma estação ferroviária, àquela oriunda do povoado que – dizem - já nasceu decadente e caiu facilmente no esquecimento após breve existência.

Bibliografia

- Andrade, W.J. Serra do mar: os caminhos de ontem e hoje. Secretaria do Meio Ambiente, Instituto Florestal, Série Registros 7:1-19, 1991.
- Andrieta, A.J. Os primeiros caminhos do litoral ao planalto paulista.
<http://www.novomilenio.inf.br/santos/lendas/h0102z16.pdf>. Acessado em Setembro de 2016.
- Campos, E. A vila de São Paulo e seus caminhos. Revista do Arquivo Municipal 204: 11-34, 2006.
- Deli, F. R. O Povoamento a circulação no vale do Aricanduva, da colonização ao início da urbanização: momentos da fragmentação do espaço numa porção da zona leste paulistana. GEOUSP – Espaço e Tempo 18: 81-103, 2005.
- Guia do Estudante. Aventuras na História. São Paulo: o cerco a Piratininga.
<http://guiadoestudante.abril.com.br/aventuras-historia/sao-paulo-cerco-piratininga-433644.shtml>.
Acessado em Outubro de 2016.
- Jesus, E. P. Penha: de bairro rural a bairro paulistano. Dissertação de Mestrado. FFLCH, USP, São Paulo, 2006.
- Leite, S. História da Companhia de Jesus no Brasil. Tomo I. Portugalia, Lisboa. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1938.
- Leite, S. Cartas dos Primeiros Jesuítas do Brasil. Tomos I e II. Comissão do IV Centenário da cidade de São Paulo, 1956.
- Momsen Jr, R. Routes over the Serra do Mar. Revista Geográfica 32(58), 1963.
- Moura, G.A. Santo André da Borda do Campo. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo 14: 3-32, 1909.
- Moura, G.A. Um problema histórico-geográfico: onde foi o assento da Villa de Santo André da Borda do Campo (resposta ao sr. Dr. Theodoro Sampaio). Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo 14: 53-70, 1909.
- Pereira, M.A.S., Pereira, A.P. e Pereira, V.S.C. História e estórias do povoamento e gentes de Vila Santana e Itaquera. Edições MASP, São Paulo, 2012.
- Piza, L. Identificação de Santo André. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo 13: 203-208, 1908.
- Prado Jr. C. O fator geográfico na formação e desenvolvimento da cidade de São Paulo. Boletim Geográfico 31. 1945.
- Richard P. Momsem Jr. (Routes over the Serra do Mar, Revista Geografica 58(32):5-167, 1963)
- Sampaio, T. Restauração Histórica da Villa de Santo André da Borda do Campo. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo 9: 1-18, 1904.
- Sampaio, T. Um problema histórico-geográfico: onde foi o assento da Villa de Santo André da Borda do Campo. Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo 14: 25-38, 1909.
- Silva, M.M.F. Geografia dos Transportes no Brasil. IBGE – Conselho Nacional de Geografia, Rio de Janeiro, 1949.
- Toledo, B.L. O Caminho do Mar.
http://www.ieb.usp.br/publicacoes/doc/toledobeneditolimade_ocaminhodomar_1349108542.pdf. Acessado em Setembro de 2016.
- Torres, F.R. A fazenda geral dos jesuítas e o monopólio da passagem do Cubatão 1573-1748. Dissertação de Mestrado, FFLCH – USP, São Paulo, 2008.

Torres, M.C.T.M. Ibirapuera. Monografia sobre a história dos bairros de São Paulo.

<https://drive.google.com/file/d/0B6iD9M7ZapwLWjAxd29yTWJKS2M/view>. Acessado em Setembro/2016.

Viotti, H.A. A fundação de São Paulo pelos jesuítas. Revista de História 8(17): 119-133, 1954.

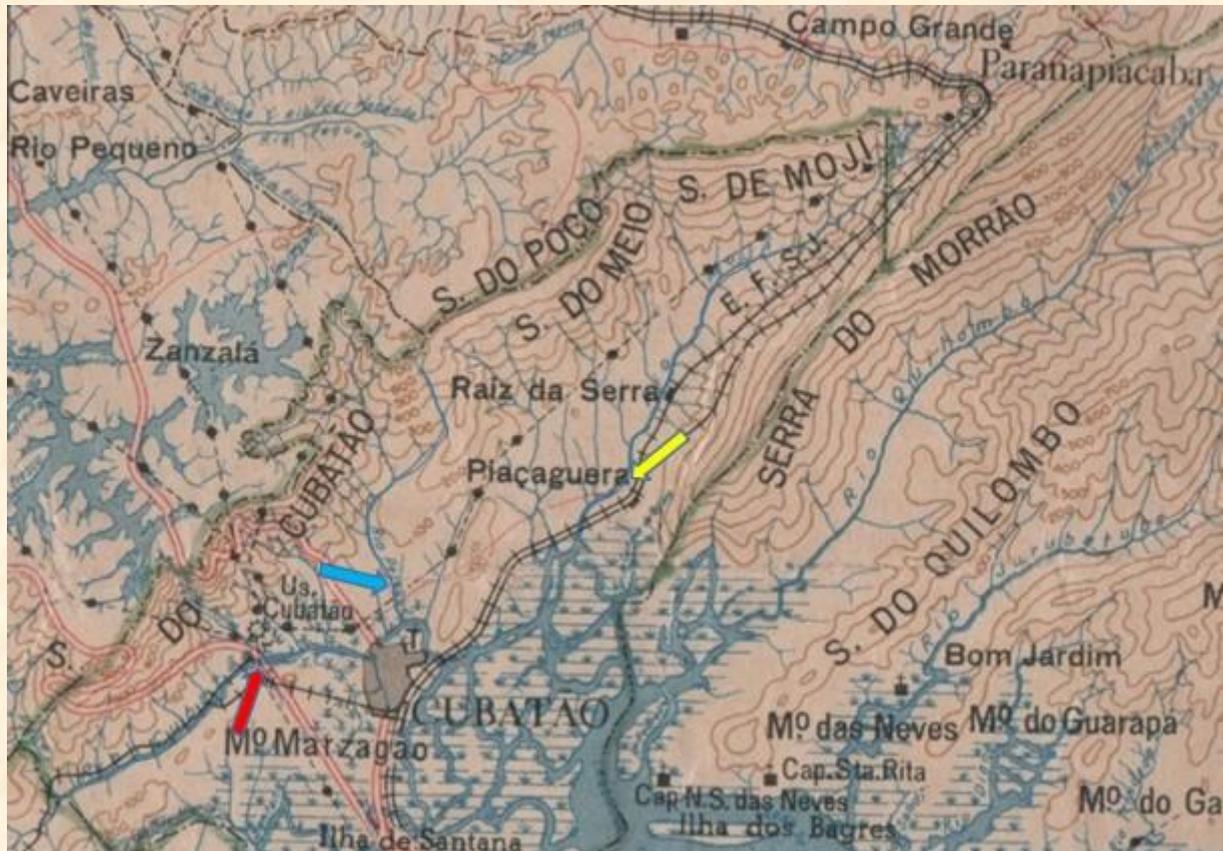


Figura 1. Localização dos portos fluviais de Piassaguera (seta amarela), rio Perequê (seta azul) e porto geral do Cubatão (seta vermelha), sobre Folha Topográfica de São Paulo, Instituto Geográfico e Geológico de São Paulo, 1954.

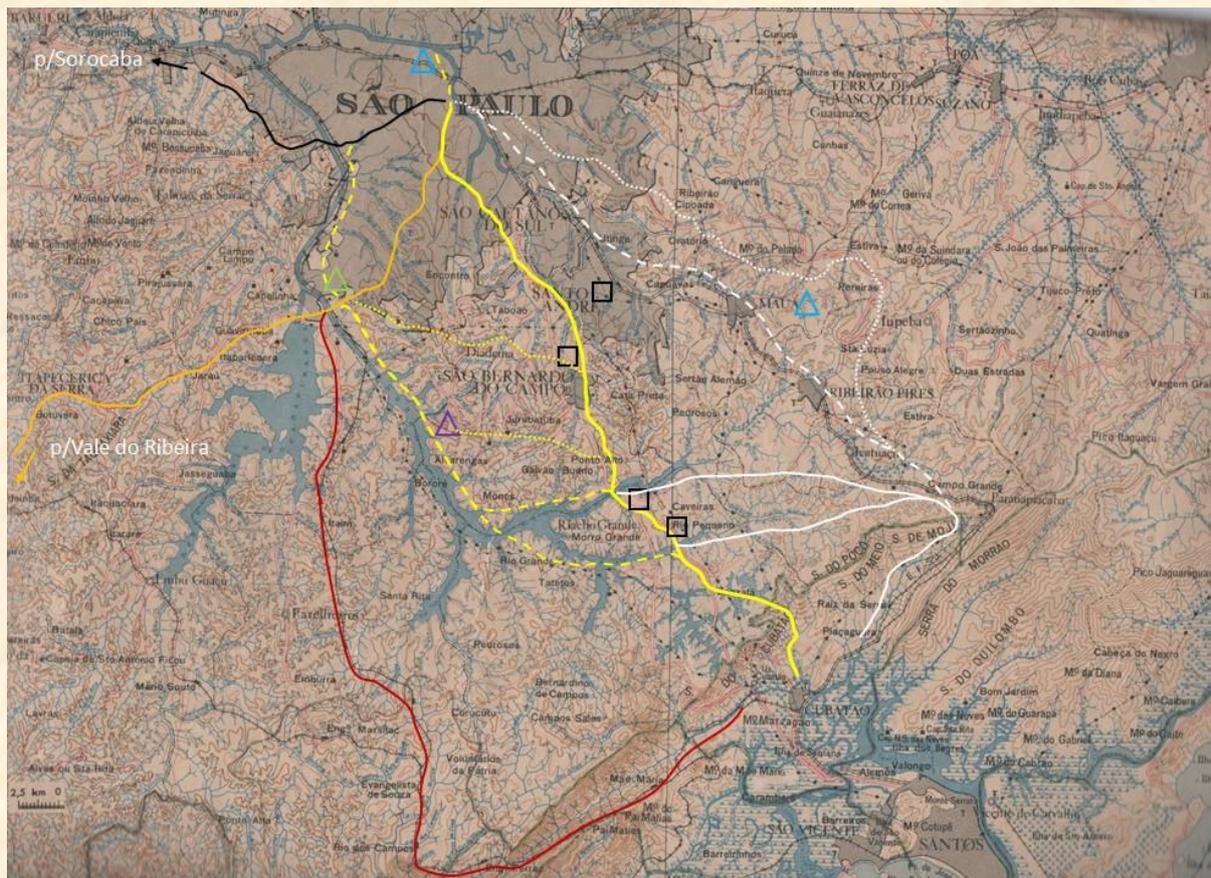


Figura 2. Rotas aproximadas de antigos caminhos à época da chegada dos colonizadores ao litoral de São Vicente, sobre Folha Topográfica de São Paulo, Instituto Geográfico e Geológico de São Paulo, 1954. Quadrados indicam possíveis sítios da Vila de Santo André da Borda do Campo. Triângulos indicam possível localização de aldeias indígenas. Vide texto para detalhes.

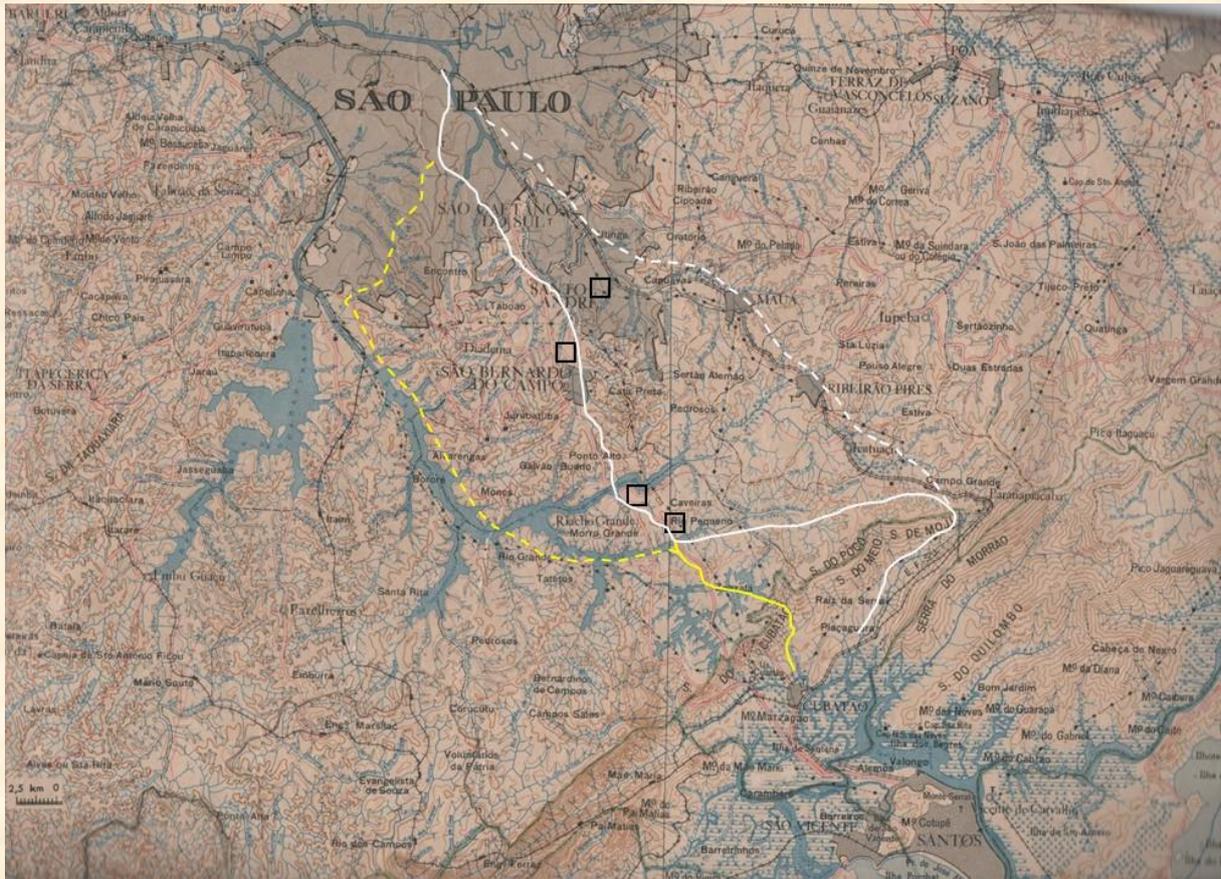


Figura 3. Síntese da Figura 2, destacando o caminho novo (linhas amarelas) e o caminho velho (linhas brancas).

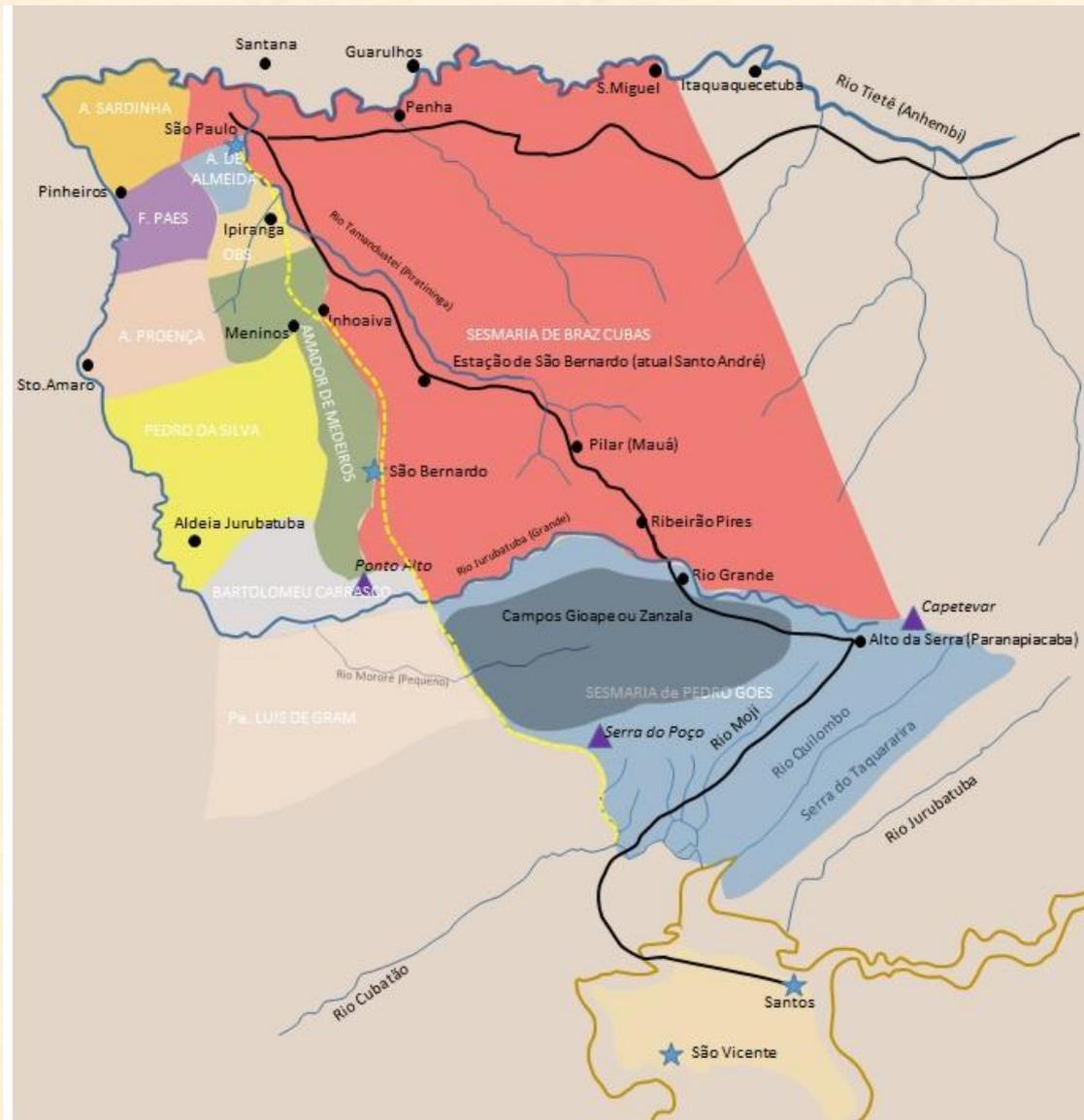


Figura 4. Mapa das primeiras sesmarias no planalto paulista, decalcado sobre mapa original de Gentil de Moura. Em branco, os nomes dos sesmeiros. OBS representa Jorge Moreira, Antonio Pinto e Salvador Pires.



Figura 5. Vista do vale do rio Moji, a partir de Paranapiacaba, observando-se Cubatão ao fundo e as linhas férreas.